

Capítulo 1.3

Os pescadores

*A*presentaremos neste tópico dados sobre o número de pescadores profissionais que atuaram no reservatório de Itaipu no ano de 2010, número de ajudantes de pesca, a profissão anterior, a dedicação à atividade, o tempo de pesca, pretensões futuras em relação à atividade pesqueira, a estruturação etária, o número de dependentes e o nível de instrução. Estes serviram para traçar o perfil socioeconômico desses pescadores. Algumas de suas aspirações sociais em relação à profissão serão também mostradas aqui.



O contingente de pescadores

Sabemos que no reservatório de Itaipu a pesca profissional tem sido desenvolvida principalmente pelos homens, as mulheres, entretanto acabam se encarregando da manutenção do acampamento, limpeza do pescado, conserto dos aparelhos de pesca e ao cuidado dos filhos. Porém, a partir de 2002, verificou-se uma maior autonomia das mulheres na pesca deste reservatório, acentuando-se nos últimos anos. 138 mulheres declararam ter licença de pesca na área do reservatório estando assim, aptas para exercer a atividade pesqueira em 2010 (21,4% do total de pescadores), seguindo a tendência dos anos de 2008 e 2009 (146 e 140, respectivamente). A zona fluvial registrou a maior frequência dessas mulheres (35,1%) e a zona de transição esta foi a mais baixa (14,6%). O seguro desemprego é o maior responsável da participação das mulheres na atividade pesqueira.

A atuação das mulheres na atividade pesqueira é indireta, porém, são essenciais no conserto de aparelhos de pesca, conserto e construção de embarcações, processamento e comercialização do pescado. Na ausência do marido estas pescadoras são responsáveis, ainda, pela despesca dos aparelhos de pesca, tarefa dificultada pela insegurança peculiar a atividade, distância do local de instalação dos aparelhos de pesca, especialmente quando os remos são utilizados para impulsionar as embarcações, agravados pelo fato de que muitas delas não sabem nadar.

A fluvial é onde as pescadoras têm mais autonomia como tal, possuindo aparelhos de pesca e participando mais efetivamente nas capturas. Muitas delas são viúvas que passaram a substituir seus maridos (Fig. 1.3.1).

Figura 1.3.1. Pescadoras profissionais da zona lacustre do reservatório de Itaipu participando de reunião da colônia Z12.



Na zona fluvial, onde muitas comercializam o pescado em separado aos seus maridos, afirmam conseguir alguma independência financeira, não havendo a necessidade de recorrer ao companheiro a todo o momento até mesmo para aquisição de alimentos.

A mulher geralmente pesca próximo ao acampamento para complementar a alimentação familiar e o companheiro busca regiões mais piscosas, visando a comercialização.

Variações no tempo e no espaço:

Foram cadastrados 645 pescadores titulares no ano de 2010, número inferior ao registrado no ano de 2009(826 pescadores titulares) e 2008 (855 pescadores titulares).

O número médio mensal de pescadores titulares em 2010 no reservatório de Itaipu foi de 572 (Fig. 1.3.2). Desse montante de pescadores 24,6% atuaram na zona fluvial do reservatório, 18,5% na região de transição e mais da metade (56,9%) na região lacustre.

A sazonalidade nas atividades agrícolas, como plantio e colheita; as variações na demanda de serviços temporários na zona urbana; a variação sazonal no rendimento da pesca; as flutuações no preço do pescado, principalmente na quaresma; a interdição da pesca na piracema; a

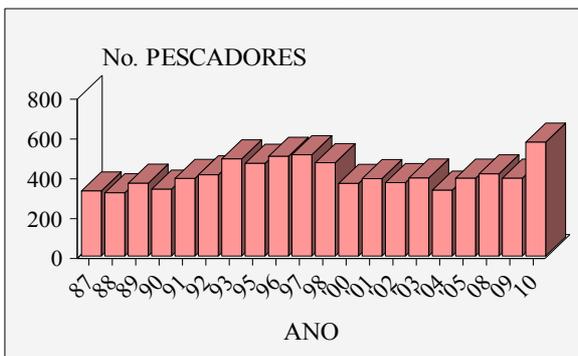
dificuldade em receber o seguro desemprego, as flutuações na cotação do dólar e intensidade da fiscalização na fronteira que inibe o comércio informal na região, são os principais fatores responsáveis pela variação do número de pescadores atuantes no reservatório de Itaipu no decorrer do ano.

O número médio mensal de pescadores titulares em atividade aumentou gradativamente desde o início do monitoramento da pesca até 1993, apresentando pouca alteração até 1997, mantendo-se em níveis similares até 2009 e elevando-se em 2010 (Fig. 1.3.2). O menor valor foi registrado em 1988 (318 pescadores titulares) e o maior valor foi registrado agora em 2010 (572 pescadores titulares)

A redução no número de pescadores após 1997-98 foi resultante do reordenamento da pesca realizada pelo IBAMA, após 1997-98, impondo restrições ao exercício da atividade daqueles com situação ilegal, sendo que esta redução foi maior na zona fluvial do reservatório.

A queda no número médio de pescadores titulares verificada em 2000 é explicada pela proibição da pesca profissional no período da piracema desestimulando o ingresso de novos pescadores no reservatório nesse período, quando a pesca tem maior rendimento.

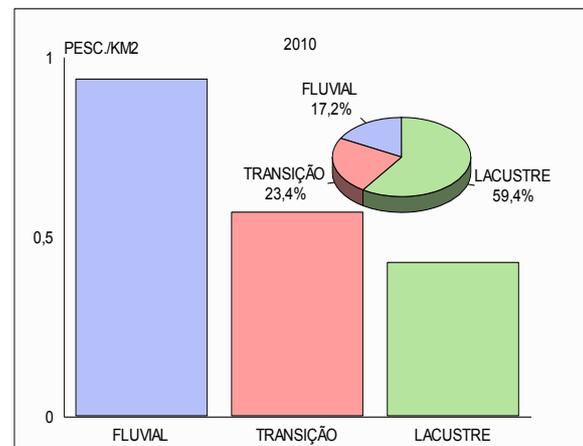
Figura 1.3.2. Número médio de pescadores titulares na pesca profissional do reservatório de Itaipu, de 1987 a 2010.



Para quaisquer comparação espacial dos dados históricos da pesca baseada nos relatórios prévios, deve-se considerar o rearranjo ocorrido em 2000 em relação as áreas de pesca ou seja, a zona fluvial, que englobava as áreas de pesca 1 a 6, foi reduzida, para as áreas 1 a 3; a zona de transição, que abrangia as áreas 7 a 10, limitou-se áreas 4, 5 e 6; e a lacustre, restrita às áreas 11 a 13, passou a abranger as áreas de 7 a 13 (Fig.1.1), aumentando consideravelmente.

Em 2010 como em 2009, a zona lacustre registrou o maior número de pescadores em atividade contribuindo com 59,4% do total, seguida da de transição, com 23,4% e fluvial com 17,2% (Fig. 1.3.3). Tendência similar aos últimos anos.

Figura 1.3.3. Distribuição dos pescadores profissionais por zona de pesca por Km² no reservatório de Itaipu em 2010.



Em 2010 como em 2009, o número de pescador por Km² foi maior na zona fluvial (0,9 pescador), seguido da zona de transição (0,6) e lacustre (0,4 pescador) (Fig. 1.3.3). Porém, verificamos um decréscimo acentuado no número de pescadores por km² zona lacustre, passando de 2,4 pescadores por Km² em 2009 para 0,9 pescadores em 2010.

Ajudantes na pesca:

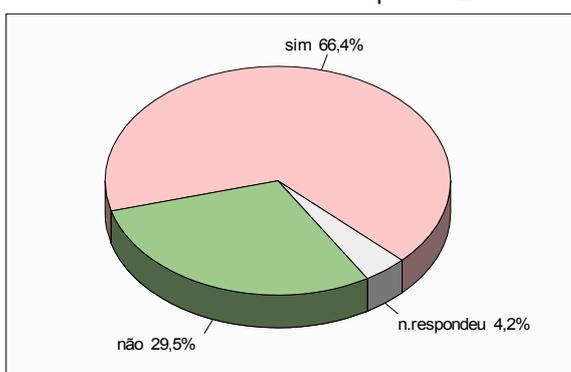
A figura 1.3.2 mostrada acima corresponde apenas ao número médio mensal de pescadores titulares. Estes são aqueles proprietários de embarcações e aparelhos de pesca. Os ajudantes de pesca correspondem por sua vez, 30 a 40% do número de pescadores titulares (Fig. 1.3.4).

Figura 1.3.4. Ajudante de pesca constituído por esposa do pescador no reservatório de Itaipu.



A percentagem dos pescadores titulares que contaram com ajudantes de pesca no ano de 2010 foi de 66,4% (Fig. 1.3.5). Esse valor foi superior ao observado em 2008 (64,7%), 2005 (62,6%) e 2004 (60,0%), porém próximo ao encontrado em 2009 65,5%.

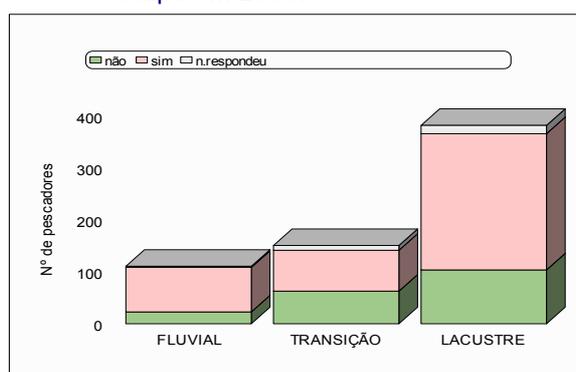
Figura 1.3.5. Frequência de pescadores titulares que recorrem a ajudante de pesca em suas atividades na pesca profissional do reservatório de Itaipu em 2010.



Na figura 1.3.6, percebe-se que o número de pescadores que contam com ajudantes de pesca em 2010 foi maior nas zonas fluvial e lacustre, onde alcançaram, respectivamente, 77,5% e 68,7%. Na zona de transição 52,3% dos pescadores recorrem aos ajudantes de pesca. Isso devido ao fato de que, na zona mais interna do reservatório onde se utiliza a estratégia de pesca com redes de espera, é necessário o trabalho em dupla, um pescador controla a embarcação e o outro manipula as redes. As distâncias do local de instalação das redes são consideráveis, e no retorno, enquanto um pescador controla a embarcação (motor ou remo), o outro trabalha no processamento e conservação do pescado.

Quando o número de redes operadas é elevado e a quantidade de pescado capturado é grande, a ajuda de um companheiro de pesca é quase que obrigatória, havendo necessidade de eviscerar e limpar o pescado antes que ele deteriore. Muitas vezes, para agilizar a coleta do pescado, vários pescadores retiram as redes por completo, realizando a despesca na margem, para evitar a permanência do pescado sob sol direto. Nesta ocasião o trabalho deve ser rápido e o pescador geralmente conta com a ajuda dos familiares e de outros pescadores.

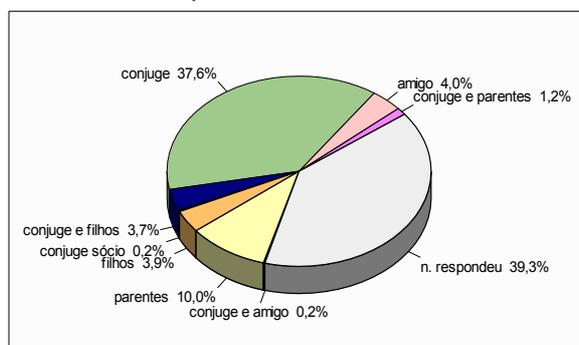
Figura 1.3.6. Número de pescadores titulares que recorrem a ajudante de pesca em suas atividades na pesca profissional nas distintas zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



O número de ajudantes de pesca no reservatório de Itaipu sofre um declínio, todo o ano, durante o período de piracema, resultado da diminuição do número de pescadores titulares pela interdição da pesca.

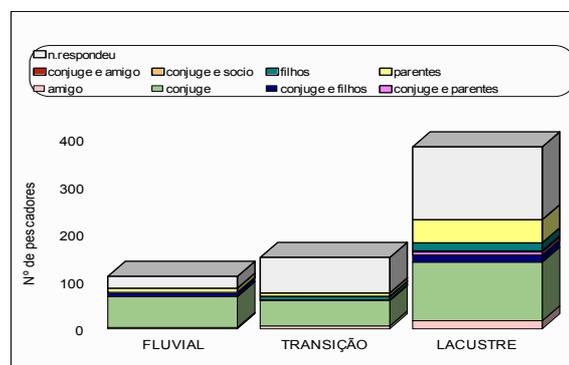
Em 2010 como em 2009, entre os pescadores que recorreram a ajudante de pesca, a maioria contou com membros da família para auxiliá-los na pesca. 37,6% dos pescadores contaram com a ajuda do cônjuge, 3,9% dos filhos e 3,7% de ambos (7,1%) (Fig. 1.3.7). Ter ajudante de pesca parente foi declarado por 10,0% dos pescadores e amigos por 4,0%. Em 2010 nenhum pescador declarou contar com empregado. Assim, verificamos que a pesca no reservatório de Itaipu é uma atividade essencialmente familiar, o mesmo sendo observado em 2009 quando estes ajudantes foram também na maioria, filhos ou esposa (66,1%), parentes (14,6%) e amigos (8,8%).

Figura 1.3.7. Relações entre o pescador titular e o ajudante de pesca do reservatório de Itaipu em 2010.



Em 2010, a maioria dos pescadores titulares conta principalmente com o cônjuge (especialmente as esposas) como ajudantes de pesca em todas as zonas de pesca (Fig. 1.3.28). A zona fluvial apresentou a maior proporção (58,6%). Resultado diferente ao de 2008 e 2009, quando a zona de transição foi a que apresentou a maior percentagem de esposas como ajudantes.

Figura 1.3.8. Relações entre o pescador titular e o ajudante de pesca, nas distintas zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



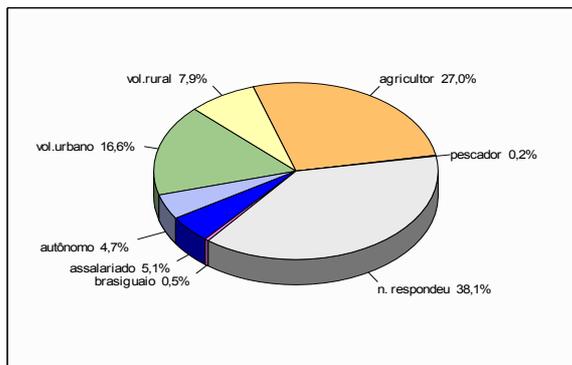
Profissão anterior

Dos entrevistados durante o ano de 2010, 21,2% afirmaram não ter outra profissão antes de ingressar na pesca, enquanto que 62,3% dos pescadores exerciam outra atividade antes de se tornar pescador e 16,4% não quiseram responder a questão. Essa tendência foi também observada nos últimos quatro anos.

Os dados mostraram que 34,9% dos pescadores que alegaram exercer outra profissão, tinham vínculo com o campo, sendo sua frequência inferior ao registrado no ano 2009 (50,0%), 2008 (58,2%), 2005 (39,3%), 2004 (38,8%) e 2003 (37,0%). Destes 27,0% eram agricultores e 7,3% volantes rurais (Fig.1.3.9).

Os pescadores que declararam ser volante urbano, autônomo ou assalariado representaram 26,4% do total. Entre os pescadores entrevistados 38,1% não responderam esta questão, percentual muito superior ao registrado no ano anterior (5,1%). Pescadores que declararam ser “diarista” foram incluídos na categoria volante urbano, porém, parte destes poderia ser considerada volantes rurais (boia-fria).

Figura 1.3.9. Atividades anteriores exercidas pelos pescadores do reservatório de Itaipu em 2010.



Na categoria “autônomo” foram incluídos aqueles que responderam serem proprietários de estabelecimentos comerciais ou atuavam como profissionais liberais. Estes compreenderam 4,7% do total de pescadores entrevistados em 2010. A frequência observada neste ano foi inferior a registrada em 2009 (6,9%), 2008 (8,4%), 2005 (9,8%) e 2004 (17,8%), porém superior a de 2003, quando o percentual desta categoria foi de 2,1%. A disponibilidade de empregos formais na região e a intensificação ou relaxamento da fiscalização na fronteira, dificultando o trabalho como sacoleiro, são os principais fatores resultantes da variação na percentagem de pescadores que atuam como autônomo no reservatório de Itaipu nos diferentes anos. Alguns pescadores por não entender a questão responderam ser pescador (0,2%) e outros declararam ser brasiguaios.

A zona fluvial foi a que apresentou a maior quantidade de pescadores que sempre se dedicaram a pesca e que nunca exerceram outra profissão (43,1%). Este valor foi diferente ao do ano de 2008, quando na zona lacustre observou-se a maior frequência de pescadores que sempre pescaram (53,7%), mas semelhante ao ano de 2005 e 2009, quando a zona fluvial também apresentou a maior percentagem de pescadores que só pescam (32,5% cada). Nas zonas de transição

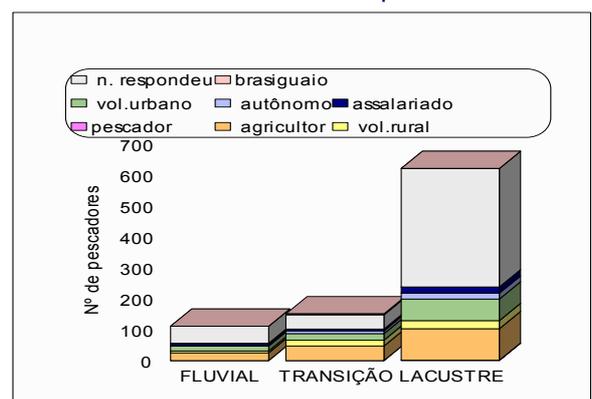
e lacustre, o percentual registrado em 2009 foi de 11,1% e 19,9% respectivamente.

Em 2010, em todo o reservatório foi registrado a maior percentagem de pescadores que atuavam como agricultores antes de ingressar na pesca, com valores de 22,5% na zona fluvial, 31,1% na de transição e 26,6%, na zona lacustre (Fig. 1.3.10). Esses valores foram superiores ao observado em 2008 para a zona de fluvial (20,5%) e de transição (22,1) e inferior para a zona lacustre (57,4%). Em 2009 esses valores foram superiores em todas as regiões, com 44,5% na zona fluvial, 47,6% na de transição.

Os pescadores que exerciam a atividade de volante rural foram mais frequentes na zona de transição do reservatório, com valor igual a 12,6% do total. Resultado diferente ao registrado em 2008 e 2009, quando a zona fluvial e lacustre apresentou os maiores valores, respectivamente.

A frequência de pescadores que eram volante urbano ou autônomo, antes da pesca, foram maiores na zona lacustre (22,2%), enquanto que, os assalariados foram mais observados na zona fluvial com 6,1% do total de pescadores. Um pescador da zona lacustre declarou não ter outra atividade, ou seja, sempre foi pescador e 3 pescadores da zona de transição se intitularam brasiguaios.

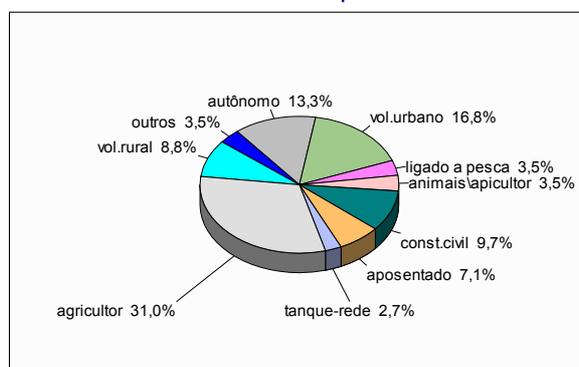
Figura 1.3.10. Atividades anteriores exercidas pelos pescadores nas distintas zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



A percentagem de pescadores que declararam não ter outra atividade além da pesca alcançou 16,7% do total em 2010. Em 2009 esse valor foi próximo (17,5%), porém o mesmo foi inferior ao registrado no ano de 2008 (45,8%), 2005 (53,0%), 2004 (55,1%), 2003 (57,0%) e 2002 (64,0%). Assim, verificamos uma redução a dedicação exclusiva a partir de 2009. Essa redução pode estar relacionada ao aumento de outras atividades exercidas pelos pescadores, como a criação de abelhas e peixes em tanques rede ou de terra.

Do total de pescadores entrevistados 77,7% admitiram ter outra atividade além da pesca e 5,6% não responderam esta questão. A agricultura foi a principal atividade complementar exercida pelos pescadores de Itaipu (31,0%), seguido por volante urbano (16,8%), autônomo (13,3%), construção civil (9,7%), volante rural (8,8%), aposentado (7,1%) e criação de animais e abelhas, atividade ligada a pesca e outros com (3,5%) cada (Fig. 1.3.11). Dentro da categoria “outros” foram incluídos assalariados, presidentes e secretárias das colônias de pesca. A criação de peixes em tanque-rede também foi lembrada por 2,7% dos entrevistados.

Figura 1.3.11. Proporção entre as categorias de pescadores em relação à pesca e atividades complementares no reservatório de Itaipu em 2010.



Como vemos, dentre os pescadores que exerce outra atividade além da pesca, na

maioria a atividade complementar, esta ligada ao campo, principalmente pequenos agricultores e criadores de animais (pecuária, suinocultura, aviário e piscicultura) que totalizaram 37,2% do total. Este percentual foi próximo ao registrado em 2008 (38,4%) e inferior ao encontrado em 2009 (44,1%). Essa oscilação pode ser resultado da variação no número de pescadores entrevistado nos diferentes anos.

Assim, a pesca torna-se uma atividade alternativa para esses pequenos proprietários que não conseguem sustentar sua família, muitas vezes numerosas. A mandioca e o fumo por não requererem gastos com implementos agrícolas e por permitirem a utilização da mão-de-obra familiar são as mais utilizadas (Fig. 1.3.12).

Figura 1.3.13. Horta construída por pescador profissional do reservatório de Itaipu (acima) e cultivo de fumo (abaixo).



Em 2010, apenas 4 pescadores reponderam criar abelhas ou outro animal, e apenas 3 declararam criar peixes em tanque-rede (Fig. 1.3.13) e (fig. 1.3.14). Este fato é resultado do grande número de pescadores que optaram por não responder a questão (82,5%), não permitindo assim comparações em relação aos anos anteriores.

Figura 1.3.13. Pescador profissional envolvido na produção do mel na zona lacustre do reservatório de Itaipu.



Figura 1.3.14. Tanques-rede sendo preparado para serem instalados na região de transição do reservatório.



As categorias classificadas como: “autônomos”, “volantes urbanos” e “outras” foram encontradas em 33,6% das respostas. Todas apresentam caráter urbano. Os autônomos incluem pedreiros, serventes de pedreiro e pintores, enquanto que, aqueles que trabalham como diaristas ou que fazem “bico” foram incluídos na categoria volantes

urbanos. Para os pescadores enquadrados na categoria outras atividades no geral, a pesca é apenas uma complementação da renda familiar e ocupação para as horas vagas.

A percentagem de volantes rurais registrada em 2010 foi de 8,8% dos entrevistados. Este percentual foi superior ao do ano de 2009 (3,7%), 2008 (5,4%), 2005 (2,4%) e 2004 (5,9%). O aumento de trabalhadores rurais em 2010 pode ser resultado de um acréscimo na produção agrícola, elevando o número de emprego durante as colheitas.

Os pescadores que compram e vendem peixes (peixeiros) ou vendem minhocas (iscas para os pescadores) formam a categoria de trabalhadores que tem sua atividade ligada a pesca. Em 2010, estes alcançaram 3,5% dos pescadores, superior ao registrado em 2008 (1,7%) e 2009 (1,4%). Este valor em 2010 pode ser ainda maior se considerarmos o grande número de pescadores que não responderam a pergunta.

Muitos pescadores do reservatório de Itaipu trabalham ainda, na confecção ou “entralhe” de aparelhos de pesca (redes de espera) ou na construção de embarcações de madeira (Fig. 1.3.15).

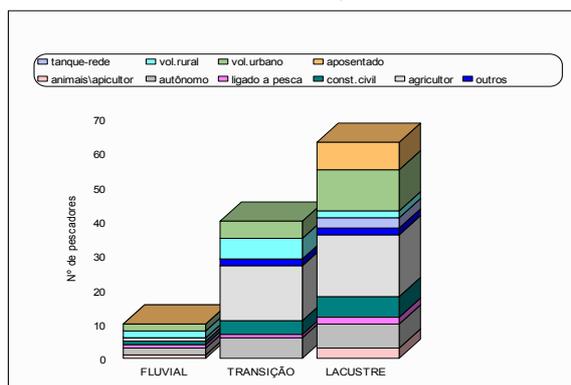
Figura 1.3.15. Pescador profissional do reservatório de Itaipu reformando uma embarcação de madeira de sua propriedade em 2010.



A zona de transição foi a que apresentou maior porcentagem de pescadores com dedicação exclusiva a pesca em 2010 (24,5%) (Fig. 1.3.16). Em 2009 e 2008 a zona fluvial registrou a maior frequência 64,9% e 36,6%, respectivamente. Nas zonas fluvial e lacustre em 2010 esse valor foi 9,8% e 15,6%, respectivamente. Conforme pode ser observado, houve um acentuado declínio na proporção de pescadores que se dedicaram exclusivamente da pesca nas três regiões do reservatório a partir de 2008, passando de 64,9% para 9,8% em 2010 na zona fluvial. Quanto a zona de transição verificou-se uma queda de 34,8% em 2008 para 24,5% em 2010, e de 42,0% em 2008 para 15,6% em 2010 na zona lacustre.

Considerando as três regiões do reservatório de Itaipu, a agricultura foi a atividade mais encontrada entre os pescadores, além da pesca em 2010.

Figura 1.3.16. Proporção entre as categorias de pescadores em relação à pesca e atividades complementares no reservatório de Itaipu em 2010.



Tempo de pesca

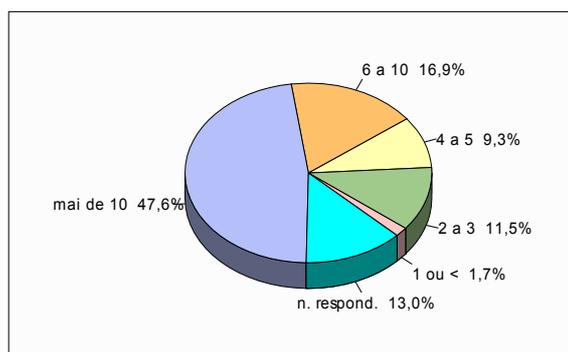
Do total de pescadores entrevistados em 2010 no reservatório de Itaipu, 47,6% admitiram atuar na pesca a mais de 10 anos (Fig. 1.3.17). Esse valor foi inferior ao observado em 2009 (52,3%), 2005 (54,6%) e 2004 (53,2%), 2003 e

2002 (58,0%), porém próximo ao de 2008 com 46,6% .

Como em 2009, a segunda maior proporção foi dos pescadores que atuam na pesca entre 6 e 10 anos (16,9%), percentual abaixo daquele estimado em 2005 (18,8%) e 2004 (19,6%) e, superior ao de 2008 (14,2%). Em 2009 esse percentual foi próximo 16,2%.

A proporção de pescadores que ingressaram na pesca no máximo a um ano foi de 1,7% do total dos entrevistados. Este valor foi superior ao registrado em 2009 (0,7%) e acentuadamente inferior ao observado em 2008 (9,3%). Estas variações estão ligadas a mudanças na oferta de trabalho na região. Em 2009, ocorreu um declínio muito elevado no número de pescadores novos, sugerindo um aumento na aposentaria dos pescadores ou aumento na oferta de trabalho, fato contrário foi verificado no ano de 2008 quando uma possível queda na oferta de trabalho pode ter ocorrido.

Figura 1.3.17. Proporção entre as categorias em relação ao tempo de pesca dos pescadores do reservatório de Itaipu em 2010.

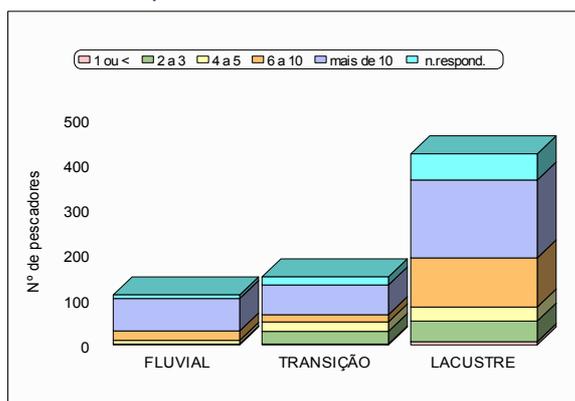


Quando consideramos as diferentes regiões do reservatório de Itaipu (fig. 1.3.19), a maior proporção de pescadores que ingressaram na pesca a mais de 10 anos foi registrada na zona fluvial (64,9%), seguida das zonas de transição (43,7%) e lacustre (44,1%). Estes resultados foram diferentes dos observados no ano de

2008, quando a zona lacustre foi a que registrou a maior proporção desta categoria de tempo de pesca com 47,2%, seguido da fluvial (33,8%) e de transição (19,0%). Entretanto seguiram as tendências verificadas em 2009 (67,2% na zona fluvial, (53,1%) na zona de transição e 47,8% na zona lacustre do reservatório de Itaipu. Como vemos, ocorreu um aumento na proporção dos pescadores que pescam a mais de 10 anos no ano de 2009. Este fato pode estar relacionado pelo o abandono da pesca ou o baixo ingresso de pescadores mais jovens nesta atividade devido a baixa renda resultante da atividade pesqueira, a maior oferta de outras atividades e a migração para centros maiores. Por outro lado, a medida que os pescadores envelhecem, ocorre uma redução nas opções de trabalho, obrigando-se a permanecerem na atividade.

A categoria de pescadores com 6 a 10 anos na atividade foi registrada com percentuais de 18,9% na zona fluvial, 10,6% na de transição e 18,8% na lacustre, no ano de 2010. Em relação aos dados anteriores, houve uma diminuição elevada nessa categoria nas zonas de transição (18,6%) e lacustre (66,1%), a partir de 2008. Em 2009 esses valores foram: 15,9 % na zona fluvial, 9,7% na zona de transição e na lacustre 18,3%.

Figura 1.3.18. Número de pescadores com diferenças de tempo de pesca nas distintas zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



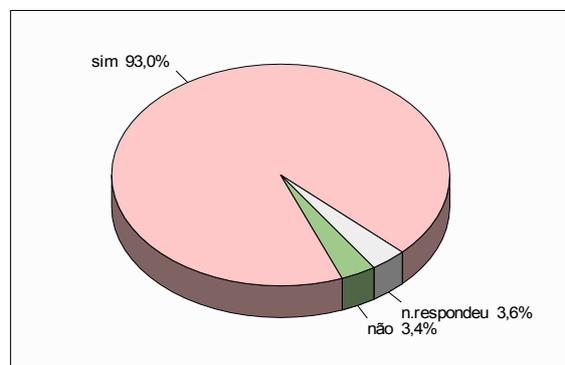
O ingresso de novos pescadores foi registrado em todo o reservatório de Itaipu em 2010, porém em proporções baixas, 1,8% nas zonas fluvial e lacustre e 1,3% na zona de transição. Em 2009, pescadores novos foram observados apenas na zona lacustre com 1,2% do total de entrevistados. Em 2008, esse resultado foi diferente, quando o ingresso de novos pescadores foi elevado, principalmente na zona lacustre do reservatório (58,4%).

Já para a categoria entre 2 e 3 anos, no ano de 2010 foi registrado percentuais de 18,5% na zona de transição e 12,0% na zona lacustre. Na zona fluvial do reservatório não foi verificado nenhum pescador nesta categoria no ano de 2010.

Pretensão futura

Em 2010, 93,0% dos pescadores entrevistados afirmaram ter a pretensão de permanecer na atividade pesqueira no reservatório de Itaipu (Fig. 1.3.19). Esse percentual foi similar ao registrado em anos anteriores, apresentando flutuações de cerca de 91,0% em 2001 a 95,6% em 2008, caindo para 93,6% em 2009.

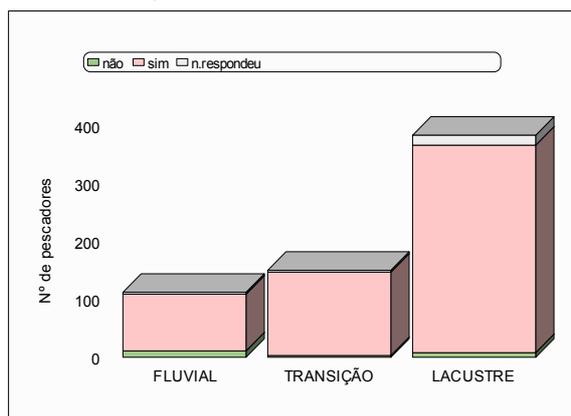
Figura 1.3.19. Proporção de pescadores que pretendem continuar na pesca no reservatório de Itaipu em 2010.



A zona de transição foi onde a proporção de pescadores com disposição de continuar na pesca foi maior (96,0%) dos entrevistados, valor similar ao registrado em 2008 (97,5%) e 2009

(97,3%) (Fig.1.3.20). Na zona fluvial foi onde a maior percentagem de pescadores declararam que não pretendem continuar na pesca 87,5%, seguido as tendências dos dois últimos anos.

Figura 1.3.20. Proporção de pescadores que pretendem continuar na pesca nas distintas zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



Entre os pescadores que manifestaram a intenção de continuar na pesca, raramente foram devido à satisfação com a rentabilidade. Em 2010 a principal razão para continuar na pesca, foi o fato da pesca ser a única atividade (31,0%) (Fig. 1.3.21). Em 2009, o principal motivo foi gostar da profissão, declarada por 16,0% dos pescadores. Esse fato ocorreu também em 2008, quando esse item foi citado por 20,6%, em 2005 (13,3%), em 2004 (14,5%), em 2003 (16,1%) e por 16,6% em 2002.

Geralmente os pescadores que gostam da atividade alegam ser pelo fato de não receberem ordem de patrão, de não ter compromissos de horários fixos, sempre estar em contato com a natureza, gostam de comer peixe e para muitos deles, esta foi a profissão ensinada pelos pais.

Em 2010, o fato de gostar da pesca foi lembrado por 18,4% dos entrevistados e foi a segunda razão mais importante para permanecer na pesca.

A categoria “única atividade” ocupou o segundo lugar em 2009 manifestado por 9,5% dos pescadores entrevistados, sendo incluídos nesta categoria os pescadores que alegaram não ter outra opção.

A pesca importante como um complemento na renda familiar foi o terceiro item apresentado em 2010, com 7,0% do total de pescadores. Esse valor é similar ao verificado em 2009 (7,0%), 2008 (7,5%) e superior ao de 2004 (5,8%) e 2003 (5,7%), mas inferior ao de 2005 (8,2%). Geralmente, estes pescadores associam a pesca com outra atividade (a agricultura familiar, criação de abelhas e volante urbano ou rural) e utilizam a pesca como alternativa para aproveitar as horas vagas.

Na categoria “outros” incluímos respostas como: “é minha profissão”, “dinheiro fácil e rápido”, “liberdade”, “está endividado”, “está habituado”, “ajudar o pai” e “enquanto puder e estiver aqui”, respondidas por 4,2% dos pescadores. Em 2008, 2,8% dos pescadores constituíram essa categoria e 5,3% em 2009.

A falta de qualificação foi a maior razão para continuar na pesca para 3,8% dos entrevistados. Para estes é difícil conseguir outra atividade pela falta de estudo e preparo. Este valor foi menor que os registrados em 2004 e 2005 quando 7,3% mencionaram esse motivo, mas superior a 2008 (2,0%) e 2009 (2,2%).

Muitos pescadores alegam ainda, “idade avançada” impossibilitando-o de exercer outro trabalho (2,1%). Outros esperam obter a aposentadoria exercendo a atividade pesqueira (0,9%), obtendo assim, uma maior segurança na velhice, estes foram exclusivos da zona lacustre. Valor ligeiramente inferior ao de 2008 e 2009, quando 1,3% e 1,4% esperavam conseguir se aposentar nesta atividade, respectivamente.

No ano de 2010, a proporção de pescadores que responderam estar na atividade pesqueira por necessidade foi menor que a registrada em 2009. Esses valores alcançaram 4,1% em 2009 e 1,5% em 2010. Respostas como “não tem padrão”, “é bom”, “é aposentado” e “é fácil”, também foram registradas neste ano, porém em percentagem muito baixas. Por outro lado, as vantagens relacionadas a atividade pesqueira como: a aposentadoria, que requer menor tempo de contribuição previdenciária para obtê-la por idade, desde que comprovada a contribuição e filiação a uma colônia ou associação de pesca; a pesca propicia a obtenção de um dinheiro mais fácil e rápido, quando comparado com outras atividades, que pode demorar até meses para se obter alguma rentabilidade; as dificuldades de sustento familiar em atividades anteriores e a esperança de que o rendimento melhore; o benefício do seguro desemprego e o fato de muitas atividades temporárias como os vendedores informais (sacoleiros), propiciar rendimento razoável somente em certos períodos do ano, levam muitas vezes os pescadores a permanecerem na pesca. Outros já são aposentados (0,5%), e nela continuam para complementar a renda, gostam ou pescam por lazer.

Figura 1.3.21. Frequência de manifestação dos pescadores quanto às razões para a permanência na pesca do reservatório de Itaipu em 2010.



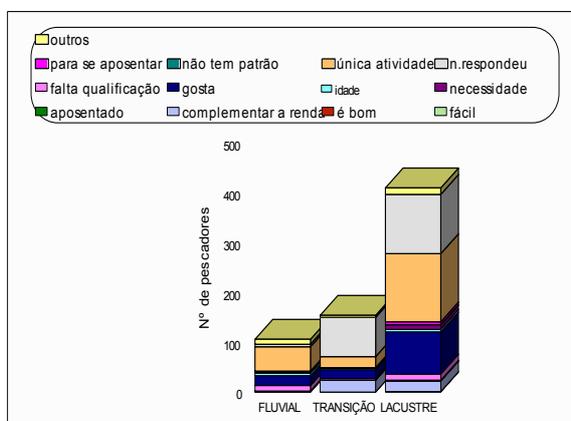
Dos pescadores que manifestaram intenção de permanecer na pesca em 2010, 30,3% não declararam o motivo para tal. Geralmente, os pescadores tem dificuldade de expressar sua opinião em várias questões da entrevista, seja por não conseguir transformar em palavras a sua realidade ou por receio em revelar suas críticas. Este percentual foi muito superior ao de 2008 (2,1%) e próximo ao de 2005 (36,0%) e 2009 (41,8%).

Entre as razões alegadas pelos pescadores do reservatório de Itaipu para permanecer na pesca em 2010, a zona fluvial foi a que apresentou a maior proporção de pescadores que disseram ser a pesca a única atividade capaz de desenvolverem (46,2%) (Fig. 1.3.22). Resultado semelhante ao registrado em 2009, quando a zona fluvial também registrou a maior proporção, mas diferente do ano de 2005 e 2008 quando a zona lacustre apresentou os maiores percentuais.

A frequência de pescadores que gostam da atividade que exercem foi mais elevada na zona lacustre (20,7%), seguida da fluvial (18,9%) e da de transição (11,7%). Estes valores foram semelhantes ao do ano de 2008 quando a lacustre também registrou a maior proporção de pescadores que gostavam de pescar (56,3%) e diferentes aos registrados em 2005 e 2009 quando a zona fluvial registrou a maior proporção de pescadores que gostam de pescar.

Já a complementação da renda familiar foi mais lembrada pelos pescadores da zona de transição (15,6%) seguida da zona lacustre (5,1%) e zona fluvial (1,9%). O aumento da renda para esses pescadores justifica sua permanência na pesca. Em 2009 a zona de transição também registrou a maior proporção de pescadores que tem a pesca como um complemento da renda familiar (13,8%), enquanto que, em 2008, a zona lacustre foi onde a complementação da renda foi a mais citada pelos pescadores (12,6%).

Figura 1.3.22. Frequência de manifestação dos pescadores quanto às razões para a permanência na pesca nas diferentes zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



Neste ano, a zona lacustre do reservatório de Itaipu, foi onde se registrou o maior número de pescadores que pescam por necessidade (10,4%) e por ter problemas com a falta de qualificação e estudo (2,2%). Enquanto que, a idade foi mais citada pelos os pescadores da zona fluvial (5,7%). Pescadores que esperam se aposentar na atividade ou já é aposentado, e por isso pretendem continuar pescando foram registrados somente na zona lacustre.

Em 2010, um pescador da zona lacustre declarou que a pesca é uma atividade fácil, por isso pretende continuar na pesca e outro da mesma região disse que pescar é bom. Já na zona fluvial 3 pescadores gostam da atividade pesqueira pelo fato de não ter padrão e ter liberdade (Fig.1.3.22). Por outro lado, os pescadores que responderam continuar na pesca por outros motivos, categoria “outros”, foram preponderantes na zona fluvial do reservatório de Itaipu.

Neste ano, a zona de transição apresentou o maior percentual de pescadores que não quiseram responder por que pretendem continuar na pesca (51,3%), seguida pela zona lacustre (29,0%) e fluvial (4,7%). Esse resultado foi diferente ao obtido em 2008

quando a zona de lacustre registrou a maior proporção (58,9%), mas similar ao de 2009 quando a zona de transição também foi onde o número de pescador que não respondeu a questão foi maior.

O número de pescadores que não pretende continuar na profissão, em 2010 representou cerca de 3,4% do total de entrevistados (Fig.1.3.19). Esse valor foi inferior ao registrado nos anos de 2009 (4,3%), 2005 (4,4%), 2004 (6,1%); 2003 (7,9%), 2002(8,3%), porém superior ao de 2008 (2,1%).

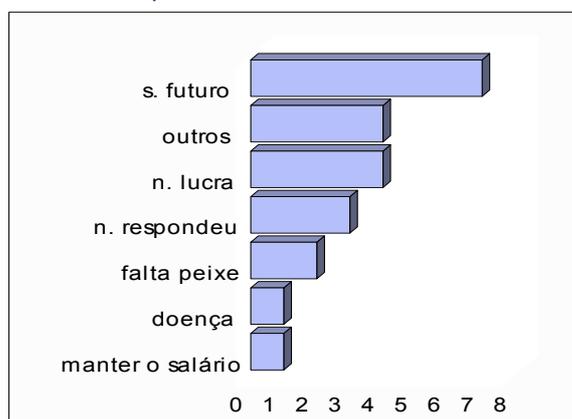
Para muitos pescadores a pesca é uma atividade sem futuro, portanto esse foi o principal motivo alegado por estes para abandonar a pesca em 2010 correspondendo cerca de 31,8% (Fig. 1.3.23). Em 2009, este item foi exclusivo da zona fluvial e ocupou a quinta colocação entre os motivos alegados pelos pescadores para o abandono da pesca, enquanto em 2008 foi o segundo item mais citado (18,2%). Devemos ressaltar que, o número de pescadores que responderam o motivo para abandonar a pesca foi baixo, dificultando comparações como anos anteriores. Em 2009, a falta de peixe foi a razão mais citada, totalizando 22,2% das reclamações, caindo para a quarta colocação em 2010 (9,2%). A segunda razão mais citada em 2010 foi o item “outros” com 18,2% dos pescadores que pretendem deixar a pesca. Neste item foram incluídos os pescadores que responderam que vão abandonar a pesca devido a grande quantidade de mosquitos que enfrentam nessa atividade, pretende estudar, anseiam outra profissão e que pretendem seguir a carreira política. Em 2009, esse item também foi o segundo item mais registrado entre os entrevistados.

Relatos como “não lucra” totalizaram (18,2%) dos pescadores entrevistados neste

ano. Lembramos ainda, que um pescador da zona lacustre alegou estar doente e por isso abandonará a pesca e outro da mesma zona, respondeu de maneira confusa que quer manter seu salário. No caso do último pescador, este provavelmente não entendeu a questão.

Dos pescadores que pretendem abandonar a atividade 13,6% não disseram o motivo. Este resultado foi similar ao observado 2008 (13,6%) e inferior ao de 2009 (36,1%).

Figura 1.3.23. Frequência de manifestação dos pescadores quanto às razões para o abandono da pesca no reservatório de Itaipu em 2010.

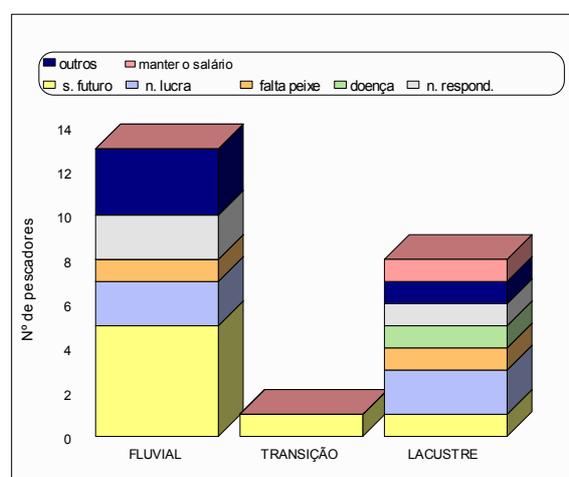


Quando analisamos o número de pescadores que pretendem deixar a atividade de pesqueira, nas diferentes zonas de pesca do reservatório de Itaipu (Fig. 1.3.24), verificamos que o maior número foi da zona fluvial (9,8%), seguida da lacustre (2,1%) e da de transição (2,0%). Essa mesma tendência foi verificada em 2004, 2005, 2008 e 2009. Proporcionalmente, a zona lacustre foi onde se encontrou o maior número de pescador que não justificaram sua resposta, ou seja, não responderam por que querem abandonar a pesca (15,4%).

A pesca como uma atividade sem futuro foi mais lembrada na zona fluvial do reservatório de Itaipu, correspondendo a

38,5% dos entrevistados em 2010 (Fig. 1.3.24). Esse resultado segue tendência ocorrida na maioria dos anos após o início do monitoramento da pesca neste reservatório. Por sua vez, a falta de peixes foi apontada por um pescador da zona fluvial do reservatório e outro da zona lacustre.

Figura 1.3.24. Frequência de manifestação dos pescadores quanto às razões para o abandono da pesca em diferentes zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



A falta de lucratividade foi lembrada apenas por pescadores da zona fluvial e lacustre durante entrevista realizada no ano de 2010. Em 2009, este item foi exclusivo da zona lacustre, sendo que em 2008 e 2005, essa região também registrou o maior número de pescadores que reclamaram da falta de lucro na pesca. Já no ano de 2004, essa foi citada pelos pescadores das zonas fluvial e transição, mas não da zona lacustre.

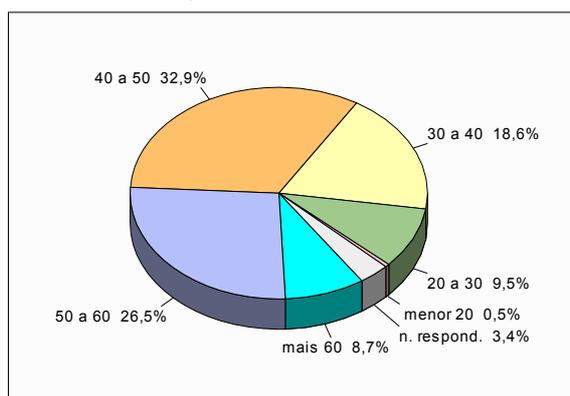
Respostas alegando doença e manter o seu salário foram registradas somente na zona lacustre.

Na zona fluvial e lacustre, pescadores que vão abandonar a pesca, apontando a categoria “outros”, como principal razão foi registrado com percentual de 23,1% e 12,5%, respectivamente.

Estrutura etária

Na figura 1.3.25 é mostrada a estrutura etária dos pescadores do reservatório de Itaipu no ano de 2010. Os pescadores na maioria apresentou idade acima de 40 anos (68,1%), sendo que a classe etária com maior frequência foi entre 40 e 50 anos, com 32,9% dos pescadores entrevistados, seguida da classe de 50 a 60 anos, com 26,5%. Resultado semelhante foi encontrado no ano 2004 e 2005 e diferentes a 2009, 2008 e 2003, quando houve inversão nestas duas classes etárias.

Figura 1.3.25. Proporção entre as classes etárias dos pescadores do reservatório de Itaipu em 2010.



Os pescadores com idade superior a 40 anos totalizaram 68,8% do total entrevistado, em 2009, 65,8% em 2008, 65,2% em 2005, 65,4% em 2004, 64,0 em 2003 e 61,0% em 2002. Assim, o número de pescadores com idade acima de 40 anos não oscilou a níveis consideráveis desde 2002, uma vez que em 2010 a proporção destes foi de 68,1%, como já citado acima.

Entre os pescadores entrevistados em 2010, um percentual de 26,5% estará apto a buscar a aposentadoria nos próximos 10 anos, enquanto que, 8,7% do total de pescadores já alcançaram a idade para estar aposentado, ou seja, apresentam idade acima de 60 anos.

A quarta classe etária com maior número de pescadores foi a entre 30 e 40 anos, totalizando 18,6% do total. A classe entre 20 e 30 anos alcançou um percentual de 9,5%.

A frequência de pescadores jovens, ou seja, com menos de 20 anos foi baixa em 2010, quando alcançou somente 0,5% do total. Esse valor foi semelhante ao registrado em 2009 e 2008, porém inferior ao de 2005, 2004, 2003 e 2002, quando foram observadas percentagens de 1,8%, 3,0%, 2,5% e 1,6%, respectivamente. Apesar das proporções serem baixas, verificamos um contínuo ingresso de jovens na pesca.

Analisando a idade média dos pescadores no reservatório de Itaipu no decorrer dos anos que foi de 38 anos em 1993, elevando-se para 41 e 42 em 1997 e 1998, 44 em 2000, 44,9 em 2001 e 2002, 45,3 em 2003, 45,2 em 2004, 45,8 em 2005, 45,1 em 2008, 45,8% em 2009 e 46,1 anos em 2010 (Fig. 1.3.25), observamos um aumento na quantidade de pescadores idosos nesse reservatório (Fig. 1.3. 26) e um baixo recrutamento de novos trabalhadores nesta atividade.

Figura 1.3.25. Pescador profissional idoso em atividade no reservatório de Itaipu em 2010.



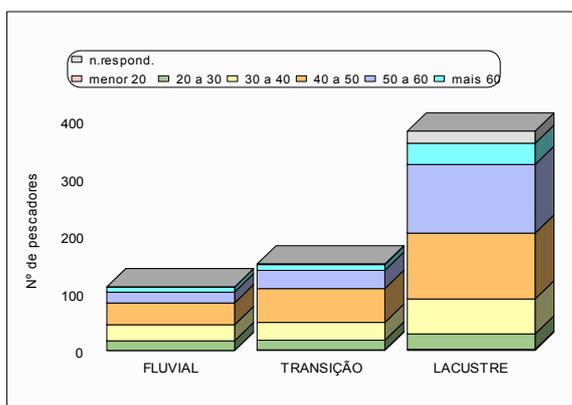
Os jovens geralmente deixam suas localidades procurando melhores oportunidades de trabalho muitas vezes em

outros estados, outros passam a fazer parte de movimentos sociais pela terra, especialmente o MST.

A idade média dos pescadores estimada por zona de pesca foi de 44 anos para zona fluvial, 44,7 anos para a de transição e 46,7 anos para a lacustre. Essa tendência de incremento na média das idades em direção a zona mais interna do reservatório foi observada também em 2003, 2004, 2005, 2008 e 2009.

Verificamos na figura 1.3.27 que a zona de transição apresentou a maior proporção de pescadores na classe etária entre 40 e 50 anos (39,1%), enquanto que a zona lacustre foi onde se observou o maior número de pescadores com idade entre 50 e 60 anos no ano de 2010. Assim pescadores com idade acima de 40 anos preponderou na zona lacustre com 71,0%, seguida da de transição 66,9% e zona fluvial com 59,5%. Por outro lado, pescadores com idade inferior a 30 anos, foram proporcionalmente mais frequentes na zona fluvial. Em 2008, 2005 e 2004, a zona fluvial também registrou a maior frequência de pescadores abaixo de 30 anos de idade, enquanto que em 2009 estes foram mais numerosos na zona lacustre.

Figura 1.3.27. Proporção entre as classes etárias dos pescadores nas distintas zonas do reservatório de Itaipu em 2010.



O fato da aposentaria não ser suficiente para manter gastos com remédios, hospitais e até mesmo o sustento de familiares (filhos e netos), segundo os pescadores, os faz continuar na atividade mesmo depois de aposentados. Outros preferem pescar a ficar parado, admitindo gostar da atividade.

Número de dependentes

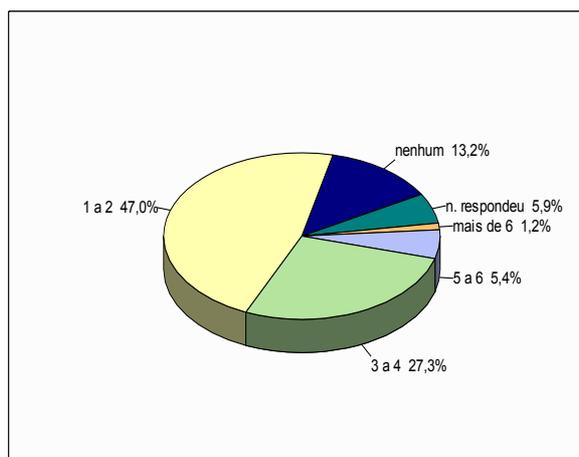
Em 2010 foram registrado em média 2,0 dependentes por pescador. Geralmente estes dependentes são a esposa, filhos e, muitas vezes pais e agregados. Este valor foi semelhante ao observado em 2009 (2,1), 2008 (2,2), 2005 (2,3), porém diferente de 1993 com 3,1 dependentes por pescador, caindo para 2,8 em 2001 e 2002 e 2,7 em 2003 e 2,6 em 2004. Assim, verificamos uma leve redução no número de dependentes no decorrer dos anos.

O contingente de pessoas que dependem diretamente da atividade pesqueira em 2010 foi de 1.290 pessoas. Valor inferior ao registro em anos anteriores (1.735 em 2009, 1.586 em 2008, 1.693 em 2005, 1.846 em 2004 e 1.950 em 2003). A redução no número de pessoas dependentes da pesca em 2010 pode estar ligada a diminuição no número de pescadores recadastrados neste ano.

A maioria dos pescadores entrevistados em 2010 respondeu ter de 1 a 2 dependentes (47,0%), seguida daqueles que tem 3 a 4 (27,3%) (Fig.1.3.28). Observamos valor inferior em 2008 quando 40,5% dos pescadores possuíam de 1 a 2 dependentes, e semelhante em 2009 (46,4%). Já a categoria que engloba de 3 a 4 dependentes por pescador apresentou proporções similares as registradas em 2009 (23,8%) e 2008 (24,0%). Em 2010 essa categoria

alcançou 27,3% do total de entrevistados. Pescadores com mais de 6 dependentes totalizaram 1,2% do total. Esse valor foi discretamente superior ao registrado em 2008 e 2009, quando 0,7% dos pescadores declararam possuir mais de 6 dependentes.

Figura 1.3.28. Número de dependentes por grupo familiar dos pescadores profissionais do reservatório de Itaipu em 2010.



A redução no número de dependentes muitas vezes resulta da morte de pescadores, sendo que nesta ocasião, as esposas passam a desempenhar a função do marido (titular), muitos jovens, ainda, migram para outras cidades, outros se casam e passam a ser o titular da pescaria na nova família.

Pescadores sem nenhum dependente representou 13,2% do total em 2010 (Fig. 1.3.28). Esse valor foi superior ao observado nos anos de 2005, 2004, 2003 e 2002, que apresentaram valores de 11,7%, 12,6%, 9,5% e 9,2%, respectivamente. Porém em 2008 e 2009 esse valor foi ligeiramente superior com 16,5% no primeiro ano e 20,6% no segundo. Geralmente são pescadores mais jovens que vivem com os pais em pequenas propriedades, e que deles receberam os apetrechos de pesca e embarcação para se autossustentar, ou são pessoas que preferem viver sozinhas próximas aos amigos, nos

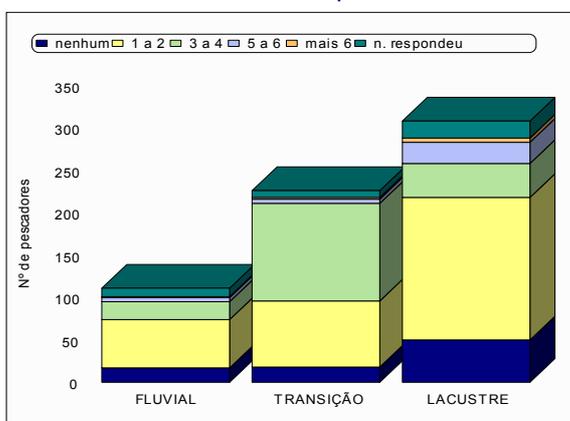
acampamentos e pontos de pesca, e em muitos casos são pessoas que já se casaram, mas se separaram antes de ter filhos.

A zona lacustre registrou o maior percentual do número médio de dependente por pescador em 2010 (2,2 dependentes), seguida da zona de transição (2,1 dependentes) e fluvial com 1,8 dependentes. Já no ano de 2009 esses valores foram de 2,1 dependentes por pescador na zona fluvial, 2,0 dependentes na zona de transição e de 2,2 na lacustre, e 2,1 dependentes na zona fluvial e de transição e 1,8 na zona lacustre em 2008.

Pescadores com 1 a 2 dependentes foram mais frequentes em todas as zonas de pesca do reservatório de Itaipu, sendo que a zona de transição apresentou a maior frequência (51,7% do total), seguida da zona fluvial (51,3%) e lacustre com 43,9% do total (Fig. 1.3.29). Em relação aos pescadores com 3 a 4 dependentes, estes representaram 18,9% na zona fluvial, 26,5% na de transição e 30,0% na lacustre. Por outro lado, a categoria de pescadores com cinco ou mais dependentes foi proporcionalmente mais frequentes na zona lacustre (7,8%), sendo que, o mesmo ocorreu 2008 (7,2%) e 2009 (8,7%). Em 2005, esse resultado foi diferente, quando a zona de transição do reservatório alcançou 9,3%, seguida da zona lacustre, com 7,1% e da fluvial, com 6,2%.

O número de pescadores que declararam não ter dependentes foi maior na zona fluvial, onde representaram 15,3% do total, seguida da zona lacustre com 13,1% e zona de transição com 11,9%. No ano de 2009 esses valores foram 19,8% na zona fluvial, 16,2% na de transição e 15,2% na zona lacustre. No ano de 2008, entretanto registraram-se valores superiores, com 22,7% na zona fluvial do reservatório, 21,7% na de transição e 19,4% na lacustre.

Figura 1.3.29. Número de dependentes por grupo familiar dos pescadores profissionais nas diferentes zonas do reservatório de Itaipu em 2010.

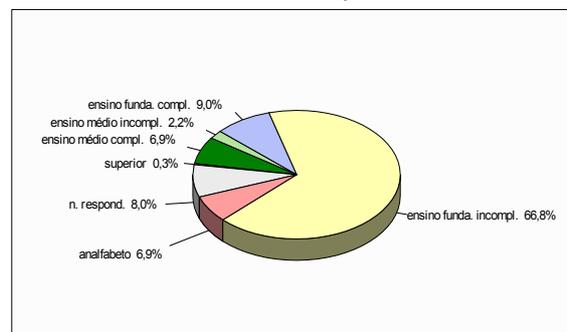


Nível de instrução

No ano de 2010 a maioria dos pescadores do reservatório de Itaipu declarou ter apenas o ensino fundamental incompleto, totalizando 66,8% do total (Fig. 1.3.30). Incluímos aqui aqueles pescadores que estudaram até a sétima série do ensino fundamental. Em 2005 e 2003 esse valor foi inferior quando correspondeu a 59,4% e 30,0%, respectivamente. Por outro lado, valores próximos foram registrados em 2009 (68,5), 2008 (67,2%), 2004 (66,7%), 2002 (67,1%) e 2001 com 69,0%. Pescadores que afirmaram ter o ensino fundamental completo em 2010 alcançou um percentual de 9,0% do total, sendo esse valor superior ao verificado em 2009 (7,3%), 2008 (6,8%) e 2004 (5,1%) e próximo ao observado em 2005 que correspondeu a 8,1%.

Assim, a implantação de medidas de manejo ou fomento no reservatório de Itaipu, especialmente aquelas que requerem embasamento teórico, é dificultada pelo baixo grau de instrução dos pescadores neste reservatório. Por isso, qualquer atividade de fomento, como a criação de peixes em tanques redes e outros, deve levar em consideração esta característica.

Figura 1.3.30. Nível de instrução dos pescadores profissionais do reservatório de Itaipu em 2010.



Em 2010, a categoria que inclui os pescadores analfabetos ou que apenas assinam o nome totalizaram 6,9% dos entrevistados. Esse valor foi inferior aos registrados em 2008 (8,0%), 2005 (7,0%) e 2003 (7,3%), porém similar ao encontrado em 2009 (6,3%), mostrando que houve uma redução no número de pescadores analfabetos a partir de 2008.

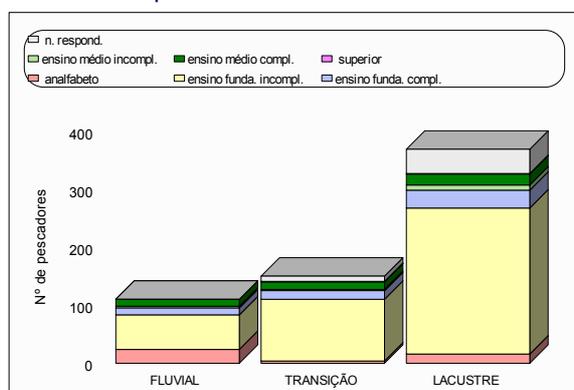
Os pescadores que completaram o ensino médio corresponderam a 6,9% em 2010, sendo esse valor superior ao registrado em 2009 (5,2%), 2008 (5,4), 2005 (5,2%) e 2004 (4,3%) (Fig.1.3.30) Em 2010, apenas um pescador da zona de transição e outro da zona lacustre alegou apresentar curso superior completo. Em 2005 e 2008 apenas um pescador, em todo o reservatório de Itaipu, respondeu ter curso superior, enquanto que, em 2009 um pescador da zona fluvial e três da zona lacustre informaram ter completado curso superior.

Quando consideramos as diferentes zonas de pesca do reservatório de Itaipu (Fig. 1.3.31), observamos as maiores proporções de pescadores com ensino fundamental incompleto em todas elas, com 70,9% na zona de transição, seguida da lacustre (68,4%) e fluvial (54,1%), seguindo tendência verificada do ano de 2009. Pescadores analfabetos foram preponderantes na zona

fluvial, totalizando 21,6 % dos pescadores, nas demais zonas essa foi menor, sendo de 2,6% na zona de transição e 4,2% na lacustre. A zona fluvial apresentou a maior proporção de analfabetos também em 2009 (12,1%), 2005 (16,6%) e 2004 (14,%), enquanto que, em 2008 a zona de transição apresentou a maior frequência de analfabetos. A maior parte dos pescadores analfabetos é constituída por pessoas com mais de 40 anos.

Devemos ressaltar que, a maioria dos jovens em quase sua totalidade estudou ou estão estudando, com o propósito de melhorar a condição de vida da família e buscar outros trabalhos, que na sua concepção são melhores.

Figura 1.3.31. Nível de instrução dos pescadores profissionais nas distintas zonas de pesca do reservatório de Itaipu em 2010.



Geralmente, as mulheres, pescadoras e ajudantes de pesca tem se empenhado mais na sua alfabetização.

A quantidade de pescadores que concluíram o ensino fundamental, ou seja, estudou até a oitava série foi maior na zona fluvial do reservatório de Itaipu com 10,8% do total, seguida da zona de transição (9,9%) e lacustre (8,1%). Em 2009 e 2008 a zona lacustre foi onde se registrou a maior percentagem de pescadores que completaram o ensino fundamental. Todavia, em 2010 a zona de pesca com maior proporção de pescadores com ensino médio completo foi a fluvial com 10,8% dos entrevistados. Esse valor superior ao registrado em 2009 (6,6%), 2008 (6,3%), 2005 (6,4%) e similar ao do ano de 2004 (9,3%) e 2003 (10%).